

**Afirmção da existência e elucidção
do sentido do mundo: a circularidade
na dupla preocupação da
fenomenologia de Husserl**

Carlos Diógenes C. Tourinho¹
Professor Adjunto

Departamento de Filosofia
e do Programa de Pós-Graduação em
Filosofia

Universidade Federal Fluminense – UFF

Resumo: O presente artigo aborda, inicialmente, as duas implicações da *epoché* fenomenológica, traduzida pela ideia da “perda” e do “ganho” do mundo. Em seguida, mostra que a pergunta pelo sentido desta “perda” e deste “ganho” revela uma dupla preocupação de Husserl: assegurar a afirmação da existência do mundo e promover a elucidção do sentido do mundo. Conclui-se que esta dupla preocupação revela um tipo de circularidade: o mundo somente se revela objetivamente em sentido pleno por meio de um método que não pode deixar de afirmar a existência do mundo. Tal afirmação supõe, por sua vez, uma doação de sentido e, por conseguinte, uma consciência originária.

Palavras-chave: Edmund Husserl; consciência; mundo; *epoché*; idealismo fenomenológico.

**Affirmation of the existence and
elucidate the meaning of the world: the
circularity in the double preoccupation
of Husserl's phenomenology**

Abstract: This article discusses initially the two implications of the phenomenological *epoché*, translated by the idea of the "loss" and "gain" of the world. Then it shows that the question of the meaning of this "loss" and of this "gain" reveals a double preoccupation of Husserl: ensure the assertion of the existence of the world and promote the elucidation of the meaning of the world. The conclusion is that this double preoccupation reveals a kind of circularity: the world is revealed objectively in full sense by means of a method that can't fail to affirm the existence of the world. This statement presupposes, in turn, a giving of meaning and therefore an originary consciousness.

Keywords: Edmund Husserl; consciousness; world; *epoché*; phenomenological idealism.

¹Doutor em Filosofia pela PUC-Rio. Coordenador do GT de Fenomenologia da ANPOF.

Introdução

O itinerário traçado pelo pensamento husserliano a partir dos cursos oferecidos ao final da primeira década do século XX e, especialmente, da publicação do primeiro volume de *Ideias para uma fenomenologia pura e filosofia fenomenológica*, em 1913, permite-nos notar, muito claramente, uma dupla preocupação de Husserl: por um lado, adotar uma estratégia metodológica que pudesse preservar, sob pena de se tornar ininteligível, a afirmação da existência do mundo; por outro lado, deixar claro que o idealismo fenomenológico não teria, grosso modo, outro fim que não fosse a elucidação do sentido do mundo. A hipótese que se pretende levantar no presente artigo é a de que esta dupla preocupação revela-nos, em Husserl, uma “circularidade” que, por sua vez, somente poderia ser compreendida mediante a elucidação de um desafio metodológico peculiar com o qual a própria fenomenologia já se deparava, a partir do começo do século XX. Pode-se, em resumo, dizer que este desafio estaria ligado à exigência de adotar, partindo de uma relação empírica com o mundo, uma estratégia metodológica por intermédio da qual pudesse se abrir, sem que fosse negada a existência do mundo, um “campo” em cuja imanência tudo aquilo que aparecesse pudesse, então, se dar originariamente e, portanto, com evidência máxima, livre das limitações que a relação empírica com o “mundo

circundante” insiste em nos impor. Impunha-se à fenomenologia de Husserl a exigência de adotar uma estratégia metodológica por intermédio da qual fosse possível superar tal desafio. O exercício generalizado da chamada “*epoché* fenomenológica” surgia, então, a partir das “Cinco Lições” (proferidas em abril-maio de 1907) e, explicitamente, a partir de *Ideias I* (1913), como a tal estratégia adotada por Husserl para responder ao referido desafio.

O exame do exercício generalizado da *epoché* fenomenológica permite-nos notar, por sua vez, que tal exercício impõe-nos, obrigatoriamente, duas implicações, traduzidas, nos termos de Husserl, ao menos, de 1909 a 1931, pela ideia da “perda” e do “ganho” do mundo. É justamente a pergunta pelo estatuto desta “perda” e deste “ganho” que nos revela, então, a dupla preocupação de Husserl em assegurar, por um lado, a afirmação da existência do mundo, não deixando de promover, por outro lado, a elucidação do sentido do mundo. É, então, o exame atento desta dupla preocupação que revelará, ao leitor do texto de Husserl, a tal circularidade a que nos referíamos no início: o mundo somente se revela plenamente em termos objetivos por intermédio de uma estratégia metodológica que não pode negar a existência do mundo que, por sua vez, já supõem uma doação de sentido e, por conseguinte, uma consciência doadora originária. Esta mesma circularidade não tornaria incompatíveis as ideias da “perda” e do “ganho” do mundo. Antes sim, conforme veremos, nos impediria de tomar o projeto da fenomenologia husserliana em termos de um mero realismo, ou mesmo de um idealismo que transformaria o mundo em uma realidade meramente percebida no espírito sem



qualquer relação com o que lhe é exterior. Vejamos, então, mais detalhadamente, como a estratégia metodológica adotada por Husserl para a superação do desafio descrito acima acabaria por contrair, para o interior da fenomenologia, uma dupla preocupação e, por conseguinte, a referida circularidade.

O desafio metodológico de Husserl e o exercício da *epoché* fenomenológica

Pode-se dizer que, a partir das primeiras décadas do século XX, ao anunciar, com a “nova fenomenologia” [*neuen Phänomenologie*], a partir de 1907 e, definitivamente, de 1913, a especificidade de um novo modo de consideração, bem como de um método de evidenciação do mundo, Husserl estaria diante do seguinte desafio metodológico: tomando como ponto de partida a relação entre a consciência empírica e o mundo natural, considerando que tal relação nos impõem, obrigatoriamente, limitações (na medida em que tudo o que se mostra empiricamente se mostra “parcialmente”, revelando-nos apenas “traços” ou “esboços” da coisa percebida a partir de uma dada perspectiva), considerando tudo isso, qual a especificidade do recurso metodológico a ser adotado, sem que fosse negada a existência do mundo, para que este mesmo mundo pudesse “aparecer verdadeiramente”, isto é, para que ele pudesse reaparecer em sua “totalidade”, revelando-se, portanto, como “fenômeno”? Eis o desafio que se impõe a Husserl: a exigência de adotar uma estratégia metodológica por intermédio da qual pudesse se abrir um “campo” [*Feld*], especificamente, o que poderíamos chamar, num primeiro momento, de “campo fenomenal”, em cuja imanência tudo aquilo que aparecesse pudesse, então,

se dar originariamente e, portanto, com evidenciação máxima, como “coisa inteira” – ou como o próprio Husserl prefere nos dizer, no § 3 de *Ideias I*, pudesse aparecer em sua “ipseidade de carne e osso” [*in seiner “leibhaften” Selbstheit*] (HUSSERL, E. [1913] 1976, § 3:14-15) – livre das limitações que a relação empírica com o “mundo circundante” [*Umwelt*] insiste em nos impor.

Como um recurso metodológico para o alcance de tais evidenciações apodíticas, Husserl opta pelo exercício da *epoché*, isto é, da “suspensão de juízo” em relação à posição de existência das coisas. Husserl recupera, já nas “Cinco Lições” e, posteriormente, em *Ideias I* (1913), o conceito de *epoché* do ceticismo antigo, porém, para pensá-lo não como um *modus vivendi* (como um princípio ético a ser praticado como “hábito virtuoso”) – conforme propunha o ceticismo pirrônico no período Helênico – mas sim, como um recurso metodológico. Com o exercício da *epoché*, abtemo-nos de tecer considerações sobre a posição de existência das coisas. Nos termos de Husserl, promovo a “colocação da atitude natural entre parênteses”, a facticidade do mundo fica “fora de circuito”, ou como ele próprio prefere, nas “Cinco Lições” de 1907, fica sob um índice de “nulidade teórico-cognoscitiva” [*erkenntnistheoretischen Nullität*]. Não deixo, contudo, apesar dos “parênteses”, de vivenciar a tese do mundo, segundo a qual o que chamamos de “mundo” encontra-se simplesmente aí, diante de nós, tudo isto que, da maneira a mais imediata e direta, nos é revelado através da experiência sensível. No entanto, apesar de vivenciar a “tese do mundo”, também chamada por Husserl de “tese natural” [*natürlichen Thesis*], como diz o § 31

Afirmção da existência e elucidação do sentido do mundo: a circularidade na dupla preocupação da fenomenologia de Husserl

de *Ideias I*, não faço mais *uso* dessa tese, procuro mantê-la fora de circuito: “[...]a tese é um vivido, *mas dele não fazemos ‘nenhum uso’*[...]” (HUSSERL, [1913] 1976: 63). Tal renúncia implica uma espécie de “conversão”, por meio da qual adotamos um novo procedimento em relação ao mundo. Renunciamos a um modo ingênuo de consideração do mundo, próprio da vida habitual dos homens e das ciências positivas, para reavê-lo na consciência intencional.

Tem-se, portanto, neste período do itinerário husserliano, a apresentação ao leitor da ideia segundo a qual o exercício da *epoché* fenomenológica teria uma “dupla implicação”, traduzida, nos termos de Husserl: por um lado, em uma espécie de “perda do mundo” e, por outro, em um “ganho” ou uma “recuperação do mundo” na própria consciência que o intenciona. Tal consciência seria, para Husserl, uma consciência transcendental (independente de – e anterior a – toda descrição psicológica), em cuja imanência o “novo mundo” seria, então, revelado e constituído. Vemos, por exemplo, em um curso de 1909 – intitulado *Ideia da fenomenologia e seu método* – Husserl afirmar que: “Perdemos o mundo, para ganhá-lo de um modo mais puro, retendo o seu sentido [...]” (*apud* FRAGATA, SJ, J., 1956: 113). Em outra passagem, em 1913, no § 50 de *Ideias I*, na qual o autor afirma que: “[...] ainda que nós tenhamos colocado ‘fora de circuito’ o mundo inteiro, com todas as coisas [...] ganhamos a totalidade do ser absoluto que abriga e constitui em si todas as transcendências do mundo”. (HUSSERL, [1913] 1976: 107). Ou ainda, ao final do Epílogo da Conclusão de suas *Meditações Cartesianas*, em 1931, Husserl nos diz que: “Antes de mais nada, é preciso perder o

mundo pela *epoché* para reencontrá-lo numa tomada de consciência universal de si próprio” (HUSSERL, [1931] 1973: 183). Enquanto uma estratégia metodológica adotada pela fenomenologia, o exercício generalizado da suspensão de juízo em relação à posição de existência das coisas que habitam o mundo não impede – antes sim, torna possível – a abertura de um campo sobre o qual a fenomenologia dirigiria o seu olhar: o que poderíamos, num primeiro momento, chamar de “campo fenomenal”, em cuja imanência todas as transcendências do mundo (no sentido do que se encontra *fora* da consciência) seriam recuperadas, reveladas e constituídas intencionalmente. Tal investigação fenomenológica procuraria elucidar o sentido originário de tudo o que se mostra apoditicamente neste campo fenomenológico, caminho que, para Husserl, nos conduziria a uma compreensão definitiva do mundo.

Vê-se ainda, em algumas passagens do texto de Husserl, que a *epoché* não abalaria, por um lado, a afirmação da existência do mundo, o que sugeriria, ao leitor, num primeiro momento, a aceitação de uma espécie de “realismo” no projeto da fenomenologia husserliana. Por outro lado, o exercício desta mesma estratégia nos levaria à afirmação da tese segundo a qual qualquer referência ao mundo – conforme veremos, ao *sentido* do mundo – já suporia uma consciência originária, doadora de sentidos, abrindo, para o leitor, o caminho em direção a um tipo de idealismo. O leitor poderá se colocar, muito brevemente, em relação a estas duas implicações da *epoché*, as seguintes questões: em que sentido se deve entender a ideia da “perda do mundo” (primeira implicação da *epoché*)? Por outro lado, como devemos entender a



ideia deste tal “mundo recuperado” (segunda implicação da *epoché*)? É o que veremos mais detalhadamente a partir de agora.

Sobre o estatuto da ideia da “perda” e do “ganho” do mundo

É na medida em que compreendemos o desafio metodológico enfrentado por Husserl já no início do século XX, bem como a estratégia adotada para superá-lo, que elucidamos o sentido husserliano da ideia de uma “perda do mundo” que, por sua vez, poderia, num primeiro momento, sugerir ao leitor a ideia de uma “negação” do mundo. A compreensão de tal desafio e da especificidade desta estratégia explicitará, ao contrário, que não se trata, com a orientação fenomenológica, de uma “negação”, mas sim, de uma “renúncia” ao que Husserl considera, logo no começo das “Cinco Lições” de 1907, um modo ingênuo de posicionamento perante o mundo (“despreocupado” quanto aos problemas da possibilidade de conhecê-lo), adotado habitualmente pelos homens e pelas ciências positivas em geral.

Observa-se, inicialmente, em relação à ideia da “perda do mundo”, o que poderíamos considerar a primeira implicação do exercício da *epoché* fenomenológica, que: se o ponto de partida da fenomenologia é a tese do mundo e, portanto, a relação empírica do homem com o mundo natural, é preciso observar que Husserl não visa, em momento algum, ao exercer a *epoché* sobre a referida tese, colocando-a “entre parênteses”, negar a existência do mundo. Daí o próprio autor afirmar, no § 32 de

Ideias I: “[...] não nego este ‘mundo’, como se eu fosse um sofista, não duvido de sua existência, como se fosse cético, mas efetuo a *epoché* fenomenológica” (HUSSERL, [1913] 1976: 65). Ainda em outra passagem, no primeiro volume de sua *Filosofia Primeira* (1923-1924), Husserl nos diz que: “A genuína filosofia transcendental [...] não é como a de Hume, nem abertamente, nem subrepticamente uma cética dissolução do conhecimento do mundo e do mundo ele mesmo em ficções...” (HUSSERL, [1924] 1970: 310)². Portanto, se a *epoché* permite-nos operar uma mudança de posição em relação ao mundo, não é no sentido de que tal mudança force-nos a exercer uma negação do mundo circundante natural, mas sim, no sentido de que, com a suspensão de juízo, estaríamos nos abstendo de tecer considerações sobre a posição existencial das coisas.

Se o desafio metodológico enfrentado por Husserl, bem como a estratégia metodológica adotada para superá-lo, permitem-nos elucidar a ideia da “perda do mundo”, por outro lado, tal elucidação revela-nos que, mesmo com a *epoché*, permanecemos ligados ao mundo do qual partimos como homens efetivos, porém, não mais procuramos extrair o modo de consideração do mundo daquilo que nos é revelado empiricamente. Neste sentido, ao se referir ao exercício da *epoché* em relação à “tese do mundo”, em momento algum, Husserl *nega* a existência do mundo, apenas renuncia, como dissemos, a fazer *uso* da referida tese. Trata-se, antes sim, apenas de uma modificação: a tese do mundo

² Nos termos das “Cinco Lições” de 1907, especificamente, da Segunda Lição, a fenomenologia transcendental renunciará à “*via de Hume*”. Cf. HUSSERL, E. *Die Idee der Phänomenologie – Fünf Vorlesungen*. ([1907] 1950: 38).

Afirmção da existência e elucidação do sentido do mundo: a circularidade na dupla preocupação da fenomenologia de Husserl

permanece em si mesma o que ela é; apenas colocamo-la “entre parênteses”. Nos termos de Husserl, ainda no § 31 de *Ideias I*: “A tese continua, como o que está entre parênteses continua dentro dos parênteses [...]” (HUSSERL, [1913] 1976: 63).

Exatamente por conta da conservação da tese do mundo “dentro dos parênteses” que Husserl é levado, em diferentes momentos, a preservar a afirmação da existência do mundo. Ainda nas “Cinco Lições” de 1907, Husserl afirma-nos que: “[...] nenhum ser racional duvidará da existência do mundo e o cético é desmentido pela sua prática” (HUSSERL, [1907] 1950: 36). Novamente, no primeiro volume de sua *Filosofia Primeira* (1923-1924), Husserl afirma categoricamente: “É evidente que o mundo é o que é, em si e por si, quer vivamos ou morramos, quer o conheçamos ou não” (HUSSERL, [1924] 1970: 308). Portanto, a ideia husserliana de uma “perda do mundo” não implicaria uma “negação” do mundo. Faz-se necessário elucidar, então, a partir de agora, em que sentido este tal mundo é “recuperado” em uma nova região, na imanência do campo fenomenal. Vejamos.

Pode-se dizer que se a *epoché* husserliana assume um papel decisivo enquanto estratégia metodológica que nos permite o acesso a esta nova região sobre a qual a fenomenologia irá concentrar o foco de suas investigações, é preciso dizer também que o exercício da referida estratégia deverá obedecer a uma generalização. Husserl visa, fundamentalmente, com tal estratégia, eliminar quaisquer possibilidades de dúvidas e incertezas em relação àquilo que aparece à consciência. Tal generalização encontra-se diretamente ligada à exigência de que o que é revelado como fenômeno

seja depurado de tudo o que não for autoevidente e, por isso mesmo, de tudo o que ainda não for inteiramente imune à dúvida. Se inicialmente a *epoché* é lançada sobre a posição de existência do que se encontra *fora* de mim, num segundo momento, deverá recair sobre mim mesmo (enquanto ente psicofísico), abrangendo, com isso, todo o domínio empírico-natural que coloca, de um lado, o mundo circundante natural e, de outro, o eu empírico com suas vivências psicológicas. Mas, tal exercício de generalização da *epoché* não implicaria, nem sequer provisoriamente, suprimir o transcendente, no sentido de “negar” a existência do mundo.

Husserl estaria, antes sim, renunciando a um modo empírico-natural de consideração do mundo, colocando-o entre parêntesis, para viabilizar, então, com a *epoché*, o que poderíamos considerar a sua “segunda implicação”: o acesso a um modo de consideração “transcendental” do mundo. Por conseguinte, como afirma Husserl, em sua *Filosofia Primeira* (1923-1924): “[...] no lugar do mundo *tout court*, nós temos somente a consciência ‘do mundo’” (HUSSERL, [1924] 1970: 346). Tal procedimento desloca-nos a atenção para uma “nova versão” do mundo – o mundo como “correlato intencional”, tal como revelado e constituído na consciência.

A ideia husserliana de uma “recuperação do mundo” impõe-nos, então, a seguinte exigência: depurar, através da generalização da *epoché*, o fenômeno de todo conhecimento que não for autoevidente, sem negar, contudo, a transcendência do mundo. A ideia de uma “recuperação do mundo” da qual nos apercebemos conscientemente impõe-nos, ao menos, através da *epoché*, uma dualidade fundamental: o deslocamento da atenção do que é transcendente (no



sentido do que se encontra *fora* da consciência) para o que é imanente à consciência. Porém, trata-se não de uma “imanência psicológica”, própria de uma consciência empírica, mas sim, como nos diz Husserl, nas “Cinco Lições” de 1907, de uma “autêntica imanência”, domínio “[...]do dado absoluto, da absoluta claridade do estar dado, que exclui toda dúvida que tenha sentido” (HUSSERL, [1907] 1950: 9/10). Se a ideia husserliana de uma “recuperação do mundo” impõe-nos, pelo exercício generalizado da *epoché*, a passagem do transcendente ao imanente, tal passagem não deve apenas ser entendida como um deslocamento do que se encontra fora de mim para o que se encontra em mim como eu empírico, mas, fundamentalmente, como um deslocamento do transcendente (no sentido do que não é plenamente evidente) para o que se revela, em sua doação originária, como “dado absoluto”, em uma evidenciação apodítica na própria subjetividade transcendental. Sendo assim, é preciso notar que, em Husserl, o exercício generalizado da *epoché* impõe-nos, obrigatoriamente, variações no sentido do que vem a ser o “transcendente” e o “imanente”.

Acrescenta-se ainda que, através do exercício generalizado da *epoché*, a consciência transcendental se abre revelando, em sua imanência, a referência intencional aos objetos, que não são senão “conteúdos intencionais”. Recupera-se a concepção aristotélico-tomista da intencionalidade como “objetividade imanente”, porém, para pensá-la no plano de uma subjetividade transcendental, em cuja imanência estariam contidas todas as intenções atuais e possíveis através das quais seriam, nelas próprias, constituídos os “sentidos de ser” do mundo. O problema da intencionalidade

aparece associado à ideia da “constituição dos objetos”, cabendo, a partir de então, investigar os elementos que, no ato intencional da consciência pura, são responsáveis por determinar o sentido objetivo do que é visado, bem como as diferentes modalidades do “aparecer” enquanto tal. O mundo recuperado será, então, considerado como significado e, portanto, apresenta-se como corolário da consciência transcendental que o significa, adquirindo, assim, um caráter absoluto.

A circularidade na dupla preocupação da fenomenologia de Husserl

As duas implicações do exercício generalizado da *epoché* revela-nos, então, uma dupla preocupação de Husserl: assegurar a existência do mundo, elucidando o seu sentido. Como Husserl nos diz, no prefácio da edição inglesa de *Ideias I*, de 1930: “antes de tudo, o idealismo fenomenológico não nega a existência efetiva do mundo real [...]” (HUSSERL, [1930] 1981: 48). A única tarefa deste idealismo é, segundo Husserl, elucidar fenomenologicamente o *sentido* deste mundo que se forma intencionalmente na própria subjetividade transcendental, sem a qual o mundo não poderia “ser objetivo” no sentido pleno do termo. Daí o próprio Husserl dizer, em outra passagem do prefácio da edição inglesa de *Ideias I*, que: “[...] o mundo real existe sem dúvida, mas possui uma relatividade essencial à subjetividade transcendental[...]” (HUSSERL, [1930] 1981: 48). É como se Husserl nos dissesse, então, que o mundo somente é, em sua plenitude, revelado objetivamente, na medida em que o seu *sentido* é, originariamente, revelado e constituído intencionalmente em nós, no plano de uma subjetividade transcendental.

Afirmção da existência e elucidção do sentido do mundo: a circularidade na dupla preocupao da fenomenologia de Husserl

Tais passagens revelam-nos, claramente, uma dupla preocupao de Husserl. Mais precisamente, a pergunta pelo estatuto da “perda” e do “ganho” do mundo revelam-nos, em Husserl, a preocupao em conciliar a afirmao da existncia do mundo com o anseio de elucidao do *sentido* do mundo, revelado e constituído na imanncia da prpria subjetividade transcendental. Se por um lado, Husserl no pode abdicar da afirmao da existncia do mundo, sob o risco de tornar ininteligvel a prpria estratgia metodolgica adotada com o exerccio da *epoché* fenomenolgica (afinal, é preciso lembrar que o que se encontra entre parnteses permanece dentro dos parnteses), por outro lado, tal afirmao já supõe um sentido e, por conseguinte, uma conscincia doadora. Somos, ento, novamente, deslocados para a ideia do mundo como correlato intencional da conscincia. Se a ideia da perda e do ganho do mundo traduz, por quase duas dcadas, esta preocupao de Husserl em conciliar a “existncia do mundo vivenciado por cada um de ns, como homens efetivos” com o “aclaramento do sentido do mundo, objetivamente revelado em mim e para mim (na prpria subjetividade transcendental)”, por outro lado, tal preocupao parece revelar uma “circularidade” peculiar: o mundo se torna objetivo em sentido pleno por intermdio da adoo de uma estratgia metodolgica que no pode perder de vista a afirmao da existncia do mundo que, por sua vez, já supõe um sentido revelado e constituído e, portanto, uma conscincia doadora originria que o intenciona. Eis a circularidade a que a ideia da perda e do ganho do mundo parece nos conduzir. Sem dvida que estamos diante de um novo idealismo transcendental, mas a referida circularidade nos impede,

definitivamente, de identificar o projeto da fenomenologia transcendental como um mero realismo ou idealismo, ao menos, no sentido usual destas duas palavras.

Referncias bibliogrficas

FRAGATA SJ, J. *A Fenomenologia de Husserl como fundamento da filosofia*. Braga: Livraria Cruz, 1956.

HUSSERL, E. *Die Idee der Phänomenologie – Fünf Vorlesungen*. Husserliana (Band II). Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1907] 1950).

_____ *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie*. Erstes Buch: Allgemeine Einführung in die reine Phänomenologie. The Hague, Netherlands: Martinus Nijhoff, [1913] 1976.

_____ “Kant et l’idée de la Philosophie Transcendantale”. In: *Philosophie première 1923-1924: Histoire critique des idées*. Appendice. 3ed. Collection Epiméthée. Paris: PUF, [1924] 1970; pp. 299-368.

_____ “Author’s Preface to the English Edition of *Ideas*”. In: McCormick, P. & Elliston, F (editors) *Husserl, Shorter Works*. Notre Dame, Indiana: University of Notre Dame Press / The Harvester Press, [1930] 1981; pp. 43-53.

_____ *Cartesianische Meditationen und Pariser Vortrge*. Husserliana (Band I). Den Haag, Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1931]/ [1929] 1973).